

Editorial

Este é o primeiro número da revista *Língua-lugar: Literatura, História, Estudos Culturais*. Cabe-me apresentar em nome da equipa editorial o nosso projeto. A ideia surgiu no seio do Centre d'Études Lusophones da Université de Genève, de modo a partilhar os resultados dos encontros que aí se realizam com especialistas de diferentes áreas das culturas em língua portuguesa; depressa se abriu a colegas da outra universidade suíça onde também há um núcleo de ensino de português, a Universität Zürich, e é nosso objetivo acolher outras vozes de outros lugares. O formato digital de acesso gratuito é justificado por este desejo de abertura a leitores de todos os quadrantes que se interessem pelas culturas dos países de língua oficial portuguesa e a autores que queiram participar com artigos e organização de dossiês. A partir da sua base suíça a revista *Língua-lugar* pretende ser um vetor de ligação entre lugares através da língua comum: o português.

Estamos plenamente conscientes que a língua que partilhamos tem diferentes normas, cambiantes, histórias e é suporte de culturas muito distintas. A língua não chegou de forma pacífica a todos os lugares onde é falada hoje. Temos consciência da violência histórica do colonialismo e do imperialismo e da diferença de poder económico dos vários países de língua oficial portuguesa, com consequências diretas na produção cultural e no acesso à mesma. A revista é também uma tentativa de democratizar a cultura e de a partilhar. As memórias históricas, culturais e identitárias coincidem às vezes, cruzam-se, sobrepõem-se e entrecam-se. Todavia é nossa convicção que conhecermos os pontos de vista diversos, e muitas vezes divergentes, e desconstruir os discursos nacionalistas só pode enriquecer o conhecimento da nossa própria história e contribuir para desenvolvermos identidades pessoais e coletivas mais conscientes, plurais e integrativas.

A reflexão que pretendemos é também ela plural na sua forma e disciplinas. Todos os números incluirão um dossiê temático pluridisciplinar, uma secção *Varia*, uma entrevista a um criador, um artigo sobre uma personalidade histórica ou artística do passado numa secção que chamámos *Lugar de memória* e uma criação artística ou literária, que por se diferenciar do discurso analítico que predomina na revista designámos *Fora do lugar*. Modo de dizer... o seu lugar na revista é mais do que justificado, pois qualquer forma de arte plasma um momento histórico, uma atmosfera, uma cultura, introduzindo uma distância útil, através da transfiguração estética. A um tempo é fruto da sociedade que a influencia e enforma e é agente nessa mesma sociedade, a arte nunca é neutra, do mesmo modo que não o são a literatura ou os discursos analíticos sobre história ou literatura.

Na revista *Língua-lugar: Literatura, História, Estudos Culturais* defendemos a reflexão crítica dos discursos literários, artísticos, históricos, sociais, como modo de ser e estar na sociedade, cada vez mais necessário num tempo em que as tecnologias de informação influenciam as sociedades de modo insidioso. Outra forma de pôr em prática o que Michel Foucault entende por crítica, como lembra Paulo de Medeiros no seu artigo: “a crítica, como arte de não ser governado”.

Assim, neste primeiro número tem particular destaque o dossiê temático *A Expo’98 e o Portugal pós-imperial em busca de uma narrativa nacional*. Organizado por Pedro Cerdeira, é o resultado de um encontro promovido pelo Centre d’Études Lusophones em novembro de 2018, onde se analisou, 20 anos depois da sua realização, a Exposição Internacional de 1998, que decorreu em Lisboa. Como explica Pedro Cerdeira no seu texto de introdução ao dossiê, todas as exposições internacionais funcionam para os países que as organizam como manifestações de propaganda da sua imagem, servindo internamente para a (re)criação de uma ideia da nação e, externamente, para afirmação de poder, numa articulação de lógicas políticas, comerciais e culturais. Acrescente-se que o moto da Expo’98 era “Os Oceanos, Um Património para o Futuro”, mas dado a iniciativa da exposição ter partido da Comissão Nacional para a Comemoração dos Descobrimentos Portugueses, dando-se ainda a coincidência de 1998 ser a data do quinto centenário da chegada de Vasco da Gama à Índia, a Expo’98, do lado português, centrou-se, de facto, numa releitura do passado histórico nacional, em particular do período dos “descobrimentos”, construindo uma versão mais consentânea com o momento pós-colonial. Interessava-nos saber como esse novo discurso nacional era construído, o que calava, o que punha em evidência e com que recursos. O dossiê apresenta uma análise pluridisciplinar: histórica, literária, cultural. Para além do texto de Pedro Cerdeira que enquadra a Expo’98 no âmbito das exposições internacionais estrangeiras e das exposições nacionais de comemoração do império português, inclui artigos que analisam algumas das realizações promovidas e/ou suscitadas pela Expo’98 que contribuíram para essa nova interpretação do passado nacional: a arquitetura e utilização do espaço da cidade, os discursos, as performances, uma ópera, um vídeo apresentado no pavilhão de Portugal e uma telenovela que passava na televisão enquanto decorria a Expo’98. Os autores mobilizam conceitos como mito e universos simbólicos (Nazaré Torrão e Octavio Páez Granados), fazem uma leitura crítica do multiculturalismo que se pretendia representar nos *media* e do chamado “encontro de culturas” (Catarina Duff Burnay), criticam o uso feito da multiperspetividade na abordagem histórica (Marta Araújo).

A secção *Fora do lugar* alarga a análise da Expo'98, com desenhos de Ângelo Ferreira de Sousa, realizados na época, utilizando a mascote da exposição, o Gil, e uma garrafa de Coca-cola, referência a um patrocinador da exposição e crítica à relação de forças entre estados.

De orientação estritamente literária, o artigo de Eduardo Jorge de Oliveira sobre Herberto Helder (e Maria Filomena Molder) de quem tomámos o conceito Língua-lugar para título da revista, é uma reflexão sobre a materialidade da língua e a sua mobilidade (desvio de sentidos, descontextualizações, sintaxes inesperadas, entre outras formas) e o modo como o ato poético reordena o mundo, dando-lhe outra forma e propondo outros sentidos. Como diz o autor "Orgânico ou inorgânico, o mundo é criado pela língua: o som das palavras recupera a dimensão de uma língua que não é apenas arcaica ou inconsciente, mas imemorial". Nesse sentido pareceu-nos que o título *Língua-lugar* poderia precisamente apontar também para essa dimensão inconsciente e arcaica da língua, insistindo na pluralidade de que se reveste o português.

Na secção *Lugar de memória*, Paulo de Medeiros recorda a obra *Luanda* de Luandino Vieira, colocando-a em relação com o romance de Djaimilia Pereira de Almeida, *Luanda, Lisboa, Paraíso*, numa reflexão sobre memórias pós-imperiais, entendidas como os processos complexos de lembrar e esquecer, relacionados com a devastação provocada pelas diversas práticas de imperialismo e colonialismo. Passado colonial e presente pós-imperial são postos em relação através das representações socio-políticas presentes em ambas as obras, que evidenciam mecanismos de inclusão e exclusão social que ultrapassam o mero quadro geográfico de referência, mas que se podem estender a outros países colonizados e à Europa como conjunto de estados cujo desenvolvimento foi inequivocamente marcado pela construção de impérios, numa relação estreita com o desenvolvimento do capitalismo. É salientada ainda a importância histórica das obras literárias na resistência contra a opressão, passada como presente. É também essa a linha seguida no artigo de André Masseno, na secção *Varia*, sobre a literatura contracultural nas décadas de 1960 e 1970 no Brasil como forma de luta contra a ditadura que então governava o país, expondo as formas utilizadas pelos autores da contracultura para propor realidades alternativas à que se vivia. São expostos os recursos linguísticos utilizados para criar um delírio como resposta burlesca à repressão ditatorial, mais uma vez introduzindo a política na literatura.

Para a entrevista deste primeiro número, foi escolhida a escritora Lídia Jorge. A sua obra é o exemplo perfeito de como a literatura reflete o momento histórico ao mesmo tempo que age na *res publica* através da configuração estética. A sua reflexão sobre os motivos que a levaram a escrever *Os Memoráveis* e as reações que o romance suscitou são a prova disso mesmo e de como através da literatura se pode contribuir para uma compreensão diferente e complementar da sociedade, através do prazer e da estética. Destaco as seguintes afirmações: “A literatura pode transfigurar, pode, através da palavra e da busca da beleza, dizer sem usar as palavras exatas – ‘Não se acomodem’” e “O que me atraiu para a escrita deste livro e constitui no fundo a sua carne, foi a ambiguidade dessas situações, a ironia da História, a erosão da memória. Por isso escrevi um livro com certo grau de complexidade, porque querendo ser fiel à História, me distanciei dela criando uma fábula que em si condenasse o conflito”.

No seu conjunto este primeiro número espelha os princípios orientadores da revista: pluridisciplinaridade, entendimento crítico de discursos sociais, artísticos e históricos. Por ser o primeiro, está ainda muito ligado à equipa editorial criadora do projeto *Língua-lugar* e, devido à especificidade do tema do dossiê, prevalecem os artigos sobre temas portugueses, sem que esse seja o propósito editorial designado, mas fruto das circunstâncias. Gostaria ainda de deixar uma palavra de agradecimento a todos os que acreditaram no nosso projeto e o apoiaram: autores, entrevistada, revisores externos, conselho científico e instituições que apoiaram financeiramente este primeiro número – Universidade de Genebra, Academia suíça das ciências humanas e sociais (ASSH) e UNIGE – UZH Joint Seed Funding.

Nazaré Torrão

DOI <https://doi.org/10.34913/journals/lingua-lugar.2020.e199>